

# Máscaras de Trás-os-Montes na Maison de Sciences de l'Homme em Paris

Daniel Lacerda

No espaço de exposições da Maison des Sciences de l'Homme, em Paris, o artista plástico António dos Santos Silva apresentou ao público de 5 a 30 de Março, um conjunto de máscaras e personagens mascarados de Trás-os-Montes. Esta reconstituição plástica de máscaras e personagens mascarados, para lá da criatividade artística inegável que lhe emprestou o artista executante, possuem a virtude de reconstituir uma tradição ancestral regional portuguesa de grande originalidade e mal conhecida.

António dos Santos Silva, enquanto transmontano, conhece *de visu* a tradição antiquíssima dos mascarados que se exibem na sua região de origem durante os ciclos festivos do Natal, Ano Novo e Reis, do Entrudo, das Festas dos Rapazes, de Santo Estêvão, São João e São Pedro. Nesta exposição, ilustrou com uma mapa as diversas localidades duma faixa do leste transmontano, adocçada à fronteira espanhola, onde eles têm lugar ainda hoje. O pintor exibiu um vasto e variado conjunto de cerca

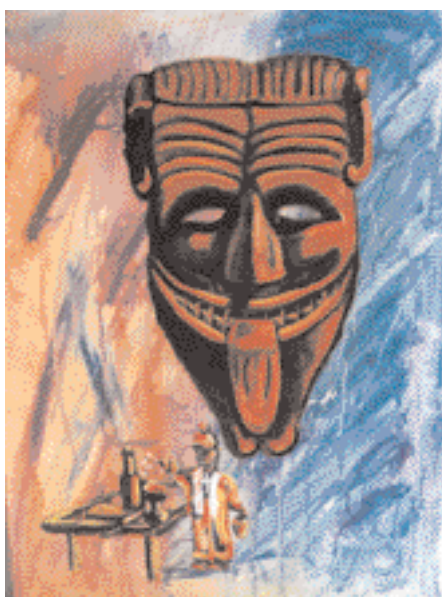
de quarenta obras, mas já executou uma colecção mais completa. Na exposição realizada, em Março de 1999, no Museu Abade de Baçal, Bragança, sob os auspícios da Comissão Regional de Turismo e da Delegação dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas de Bragança figuraram 74 que são concebidas pelos habitantes em diversos materiais: madeira, lata, coiro, mas agora recriadas pelo pintor na tela em técnica mista.

O mundo rural transmontano conseguiu manter a sua especificidade até há poucas décadas atrás, mas hoje essas "festas são cada vez menos *rituais de passagem*" tornando-se um espectáculo para deleite de visitantes, indica, João Manuel Neto Jacob do Museu Abade de Baçal, num dos textos que acompanha o catálogo da exposição acima referida. Assim, o desfile dos mascarados é complementado hoje por uma actividade de criação dos mesmos artefactos, que saem do contexto festivo

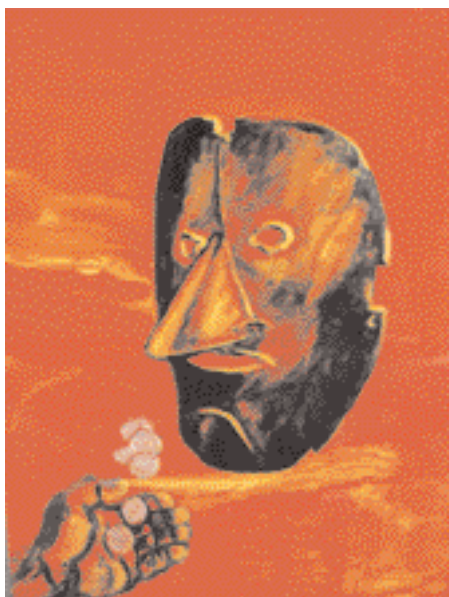


A Filandorra, Rio de Onor, Bragança  
técnica mista, 1997

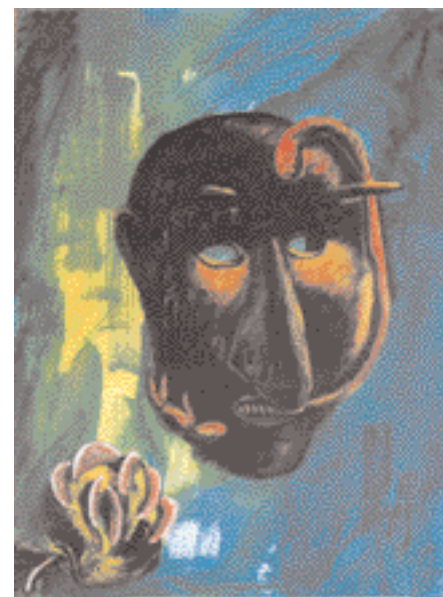
ancestral para serem integrados numa preocupação económica e na esfera da sociedade de mercado, citando aquele autor os artesões mais apurados localizados em Ouzilhão e Vila Boa.



Máscara de madeira, grijó de parade, festa S. Estêvão - técnica mista, 1998



Máscara de madeira, Pinela, Bragança, Festa dos Rapazes - técnica mista, 1998



Máscara de madeira, Val do Porco, Mogadoura, Peditório Menino Jesus - técnica mista, 1998

## TRAJECTO DO PINTOR

A paixão pelas artes plásticas tem levado A. Santos Silva a frequentar desde 1986 diversos cursos de expressão plástica em diferentes ateliers de Paris e arredores, sob a direcção de diferentes mestres.

A partir de 1996 começou a apresentar os seus trabalhos de inspiração vária, em exposições colectivas e individuais, quer em França, quer em Portugal. Actualmente, prepara um conjunto de telas inspiradas nas diferentes acções relacionadas com a elaboração do pão, não abandonando, assim, o contacto com a terra.

O pintor António dos Santos Silva, porém, para uma melhor apreensão do fenómeno, captou também inspiração na obra do etnólogo Benjamim Pereira: *Máscaras Portuguesas*<sup>\*</sup>, que elaborou uma pesquisa teórica a nível europeu. Na parte consagrada às máscaras portuguesas, este reputado etnólogo de terreno, homem igualmente do Norte, descreve as múltiplas facetas que as manifestações dos mascarados assumem segundo os diferentes momentos e localidades, citando em particular a investigação “monumental” de Jorge Dias<sup>\*\*</sup> sem esquecer o contributo de D. Sebastião Pessanha, que reuniu a colecção de máscaras que B. Pereira estudou nessa obra e que serviu de fundo museológico inicial.

O sentido profundo destas manifestações de cunho pagão, e mais tarde assimiladas pelo calendário cristão, persiste mal perceptível embora elas tenham vindo a ser objecto de maior estudo nas últimas décadas. Pois, essa sobreposição (ou assimilação) não é inocente, fazendo-se em detrimento das esquecidas origens. Nesse contexto, o papel desempenhado pelo Carnaval tem concentrado o fulcro das investigações (Le Roy Ladurie), esclarecendo-se melhor, de ano para ano, a função catártica que lhe tem sido atribuída. Esses mascarados transmontanos assumem -como faz notar J. M. Neto Jacob numa síntese rápida- a “função da desordem, do caos, da arbitrariedade, incarnando característi-

cas que em termos classificatórios são impuras ou ambíguas situando-os, a mais das vezes nas antípodas dos valores da comunidade, e remetendo-nos, aparentemente, para fora da estrutura social e para um momento sem tempo ou ilusoriamente fora do tempo.” Pensa-se, sublinha a seguir, que em determinada época os mascarados incarnavam o mal, o diabo, a morte, o vício, gozando de total impunidade.

Como fica evidenciado, as manifestações agora evocadas nesta colecção de telas de máscaras e mascarados encerram um significado extremamente rico, uma vez que restituem (parcialmente) formas comportamentais colectivas inscritas numa ancestralidade indefinida. Dessa forma abrem, um campo vasto de sugestões e incitamentos, ao mesmo tempo que, pelo choque da sua crueza, nos transmitem uma

sensação de tolerância comparada à liberdade de costumes que observamos na sociedade de hoje.

Resta dizer que a forma artística encontrada por António dos Santos Silva, através duma leve *touche* contrastada e um tanto rude sugere perfeitamente a ruralidade acre do assunto ●

<sup>\*</sup> Obra editada pela Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, em 1973. O leitor pode ler a cativante apresentação da singular carreira deste grande estudioso das tradições portuguesas, Benjamim E. Pereira, feita recentemente por Fabienne Wateau in *Recherches en Anthropologie* au Portugal, n° 6, 2000, revue annuelle du Groupe Anthropologie du Portugal, M.S.H., Paris.

<sup>\*\*</sup> Na obra Rio de Onor, *Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto,



A figura da morte, Bragança, Quarta-Feira-Cinzas - técnica mista, 1997